

**DISCURSO EM HOMENAGEM À ADA PELLEGRINI GRINOVER,
PROFERIDO EM 9.12.19, NO DESCERRAMENTO DO SEU RETRATO NA
FACULDADE DE DIREITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

SPEECH IN TRIBUTE TO FULL PROFESSOR ADA PELLEGRINI GRINOVER,
ON DECEMBER 9TH, 2019, WHEN HER PORTRAIT WAS UNVEILED AT
THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO LAW SCHOOL

*Susana Henriques da Costa**

Gostaria de agradecer à Diretoria do Instituto Brasileiro de Direito Processual pelo convite que me foi feito para falar nesta cerimônia e ao Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Floriano de Azevedo Marques Neto, por ter tornado possível a inauguração desta sala de aula e deste retrato. Gostaria, ainda, de parabenizar a Professora Sheila Christina Neder Cerezetti, por ter esclarecido aos presentes que a ideia desta sala é fruto de reflexões promovidas durante o debate sobre os resultados de pesquisa acadêmica realizada pelo Grupo de Pesquisa e Estudos de Inclusão na Academia – GPEIA, que, dentre outros, constatou a inexistência de Sala de aula na Faculdade de Direito da USP com o nome de uma mulher. (CEREZETTI *et al.*, 2019). A força das alunas, portanto, foi essencial para que pudéssemos estar aqui hoje.

Eu gostaria de aproveitar a minha fala para refletir com todos sobre o que a professora Ada representou para as mulheres na academia.

Acredito que, para ser leal à homenageada, preciso iniciar minha fala dizendo que a professora Ada negava veementemente o rótulo de feminista. Vou me furtrar aqui, em respeito à homenageada, a tentar interpretar e explicar, à luz de fatores pessoais e ideológicos, o porquê desta sua negativa. A professora Ada era uma pessoa de convicções fortes e muito claras com as quais podemos concordar ou não, mas que, acima de tudo, temos que respeitar. Portanto, a professora Ada não batalhava sob o rótulo do feminismo.

O fato é que, a despeito de não ter se reconhecido como feminista, a professora Ada foi, sem dúvida alguma, uma mulher que abriu muito espaço para outras mulheres e lutou pela igualdade de oportunidades entre os gêneros. Ela nunca se resignou aos papéis que socialmente lhe eram dados e sua história de vida deixou clara que o lugar de Ada Pellegrini Grinover não foi só em casa, no ambiente familiar, mas sim aquele que ela desejou ocupar. Vivendo em um período em que pouquíssimo ou quase nenhum espaço público era reconhecido às mulheres, ela cursou direito na USP, onde militou pelas

* Professora Doutora do Departamento de Direito Processual da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FDUSP). Promotora de Justiça do Estado de São Paulo (MPSP).

causas políticas em que acreditou. Na época, segundo relatos da própria professora Ada, eram 10% de alunas mulheres para 90% de alunos homens.¹

São desse período algumas histórias bastante ilustrativas da personalidade aguerrida e contestadora da homenageada na busca pela igualdade de gênero na academia. Por exemplo, à época de sua graduação, as mulheres eram proibidas de entrar no CA XI de Agosto, espaço exclusivo dos alunos homens. A elas, era relegada a frequência do Departamento Feminino XI de Agosto, espaço apartado. A professora Ada compôs o grupo de alunas que resolveu ‘invadir’ o centro acadêmico e ocupá-lo. Os homens protestaram, ameaçaram tirar as roupas, mas as mulheres, fortes, os enfrentaram e, com o passar dos anos, conseguiram garantir seu espaço e acabar com o famigerado departamento feminino. Ela fez história na luta pela igualdade dentro do movimento estudantil. (GRINOVER, 2011, p. 241).

A professora Ada também fez parte do grupo de alunas que se recusou a sair da aula de Medicina Legal, quando o professor avisou que iniciaria a matéria de sexologia. Segundo a professora: “nós perguntamos: ‘Mas essa matéria vai cair na prova?’ ‘Vai’ ‘Então nós vamos assistir à aula’”.² Sua turma foi a primeira a assistir às aulas de sexologia em Medicina Forense.

Ada casou-se antes de se formar e, alguns anos depois, foi mãe. Durante os primeiros anos da vida de seu filho, Ada afastou-se dos estudos para se dedicar à maternidade. Apesar de falar desse período da sua vida com carinho, não deixa de ser importante pontuar que, assim como muitas mulheres, ela arcou com os ônus familiares e sociais do nascimento de um filho, ônus que ainda recaem com muito mais peso sobre os ombros das mulheres que dos homens. Em entrevista, em 2012, Ada disse que um livro simbólico desse momento da sua vida foi “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust.³

Formada, advogou em uma importante seguradora. Segundo seu relato, por três meses seu salário foi pago pelo chefe da consultoria jurídica. Só depois de mostrar seu valor é que foi realmente contratada pela empresa. Na época, era a única mulher.⁴

No início da carreira, a professora Ada relata ter trabalhado na defesa do direito de liberdade das prostitutas de São Paulo. No período, o Brasil havia descriminalizado a prostituição, mas muitas prostitutas eram ainda abordadas e presas pela polícia. Ada advogava para conseguir *habeas corpus* preventivo para que essas mulheres pudessem trabalhar sem medo de serem presas. Defensora intransigente das

¹ Cf. Paiva [201-].

² Cf. Paiva [201-].

³ Cf. Grinover (2012).

⁴ Cf. Paiva [201-].

liberdades públicas contra o abuso estatal, portanto, a homenageada prestou importante auxílio jurídico a uma população feminina extremamente marginalizada. (GRINOVER, 2004, p. 281).

A professora contou, ainda, que, naquela época, apesar de já existirem inúmeras advogadas talentosas, era, assim como ainda é, bastante raro que elas ocupassem cargos de destaque. Segundo ela, ela chegou a ser sondada para o quinto constitucional no TJ/SP, ao que ouviu dos desembargadores: “Nós não temos banheiro para mulher”.⁵ Que pena! Perderam o Judiciário Paulista e todos os seus jurisdicionados!

Na vida acadêmica, foi a primeira Doutora formal da Faculdade de Direito, livre-docente e primeira mulher titular do departamento de direito processual da USP. Exerceu cargo de Pró-Reitora na USP, foi candidata à Reitora. Quase foi a primeira mulher Reitora da USP! Tem seu nome a primeira sala de aula com o nome de uma mulher da história da Faculdade de Direito da USP.

Ada Pellegrini Grinover foi uma revolucionária do direito processual, sempre se arriscou, nunca se conformou. Seu olhar era sempre para frente, para o futuro para o que de mais avançado havia no estudo do processo. Humanista, preocupada com a formação humanística de seus alunos, ela sempre acreditou no poder transformador do direito e na sua potencialidade de criar uma sociedade melhor, mais igualitária e mais justa.

Na pesquisa que realizei para a preparação desta fala, fui buscar depoimentos na internet sobre a professora Ada. A maior parte deles se concentrou nos primeiros dias depois do seu falecimento. Para além das dezenas de notas de pesar institucionais que descreviam conquistas profissionais mais variadas, o que me chamou atenção foi a quantidade e a variedade de mulheres que diziam ter tido a professora Ada como modelo. Parei para refletir sobre essa constatação. De fato, a professora Ada foi e é um grande modelo de mulher. Apesar de ter vivido em um tempo em que o espaço prioritário das mulheres era o privado, Ada Pellegrini Grinover forjou no espaço público o seu lugar. A partir de agora, as alunas e as professoras desta Universidade terão um espaço físico onde poderão projetar um futuro profissional de sucesso.

Talvez seja difícil para alguns entender a importância desta sala, especialmente para quem não acredite muito no poder do simbólico. Mas eu garanto que para boa parte das mulheres que frequenta este espaço, a inauguração desta sala de aula e deste retrato representa a concretização de um futuro possível, de um sonho de ser mulher, educadora, profissional bem-sucedida e assim reconhecida pela posteridade. E isso faz muita diferença!

⁵ Cf. Paiva [201-].

E se é verdade que a professora Ada conseguiu muito em um momento histórico muito mais restrito às mulheres que o atual, também é verdade que ainda há muito o que conquistar em termos de igualdade de gênero na academia, especialmente a franciscana. Basta lembrar que estamos em final de 2019 e, sim, em 192 anos de existência esta é a primeira sala de aula da São Francisco com o nome de uma mulher. É verdade também, como demonstrou o estudo do GPEIA que, em final de 2018, havia 152 professores na Faculdade de Direito da USP, 126 homens e 26 mulheres; 36 titulares, 32 homens e 4 mulheres. (CEREZETTI *et al.*, 2019).

E a pergunta que temos que enfrentar a partir de agora é: se há mulheres que chegam lá, por que somos tão poucas?

A dificuldade feminina em chegar ao topo da carreira acadêmica já foi descrita por inúmeros estudos.⁶ Ela reflete problemas estruturais da sociedade brasileira, em que uma mulher trabalha o dobro de horas que seu companheiro em atividades domésticas e ganha cerca de 76% do que um homem ganha para fazer o mesmo trabalho. (IBGE, 2018).

Se por um lado, há um problema social estrutural, a pouca representatividade feminina na carreira docente reflete também escolhas da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Direito que precisam ser discutidas e repensadas. O debate sério sobre o afunilamento que estatisticamente se comprova entre o percentual de mulheres da base ao topo da carreira acadêmica é algo que se impõe e deveria ser feito dentro deste ambiente que se propõe a ser formador de quadros responsáveis pelo desenvolvimento do país.

Não se trata de um debate que busque a concessão de favores ou atalhos para as mulheres, mas sim de um debate que garanta que possamos competir com os homens em situação de igualdade.

Esse debate é essencial para que não tenhamos que esperar mais 200 anos para ter outra sala de aula com um nome de uma mulher nesta casa, para que outras pessoas, com o mesmo talento de uma professora Ada, não se percam pelo caminho.

Já caminhando para o final desta minha breve fala, diante de tudo que já foi dito, acredito que o tom deva ser de agradecimento.

Nós, mulheres, queremos agradecer a Ada Pelegrini Grinover por ter sido Ada Pellegrini Grinover.

Muito obrigada, professora Ada, por ter aberto tantas portas com tanta luta e coragem. Foi muito mais fácil já encontrá-las abertas!

⁶ A título de exemplo, v. Bonelli (2017).

Muito obrigada, professora Ada, por ter nos deixado um legado no direito incomparável. Faremos o que estiver ao nosso alcance para mantê-lo vivo e para avançar, pois com certeza a Sra. não gostaria que nos acomodássemos.

Muito obrigada, professora Ada, por ter mostrado para nós, acadêmicas mulheres, que o sonho de ser mulher, bem-sucedida profissionalmente e vencedora é um sonho possível. A Sra. sempre será uma imensa fonte de inspiração para as acadêmicas do direito deste nosso país. Sua história semeia em cada uma de nós a esperança!

Em suma, parafraseando Simone de Beauvoir, que a própria professora Ada declara ter sido uma das autoras preferidas de sua adolescência,⁷ muito obrigada, professora Ada, por ter vivido num mundo de homens guardando em si o melhor da sua feminilidade.⁸

Muito obrigada!

Susana Henriques da Costa

São Paulo, 9 de dezembro de 2019.

Referências

BONELLI, Maria da Glória. Docência do direito: fragmentação institucional, gênero e interseccionalidade. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 94-120, jan./mar. 2017.

CEREZETTI, Sheila Christina Neder *et al* (coord.). *Interações de gênero nas salas de aula da Faculdade de Direito da USP: um currículo oculto?* São Paulo: Cátedra UNESCO de Direito à Educação/Universidade de São Paulo (USP), 2019. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367420>. Acesso em: 9 dez. 2019.

GRINOVER, Ada Pellegrini. *A garota de São Paulo*. São Paulo: Arx, 2004.

GRINOVER, Ada Pellegrini. *A professora da USP*. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

GRINOVER, Ada Pellegrini. Os livros da vida da processualista Ada Pellegrini. [Entrevista cedida a] Livia Scocuglia e Elton Bezerra. *Consultor Jurídico*, São Paulo, 10 out. 2012. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2012-out-10/livro-aberto-livros-vida-processualista-ada-pellegrini-grinover>. Acesso em: 4 out. 2017.

⁷ Cf. Grinover (2012).

⁸ Frase da peça “Viver sem tempos mortos”, inspirada na correspondência de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, com Fernanda Montenegro.

IBGE. *Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101551_informativo.pdf. Acesso em: 9 dez. 2019.

PAIVA, Gustavo. Ada Pellegrini Grinover: uma jurista que fez parte do processo de conquistas da mulher. *Portal Espaço Aberto*, São Paulo, [201-]. Disponível em: <https://www.usp.br/espacoaberto/?p=3784>. Acesso em: 9 dez. 2019.



Retrato de Ada Pellegrini Grinover

